



ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA VAZIANA: AS CONCEPÇÕES DO
HOMEM NA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA E A CATEGORIA DE
PESSOA

VAZIAN PHILOSOPHICAL ANTHROPOLOGY: THE
CONCEPTIONS OF MAN IN CONTEMPORARY PHILOSOPHY
AND THE CATEGORY OF PERSON

Isaias Mendes Barbosa¹

RESUMO

A questão do *homem* para Lima Vaz é basilar na antropologia filosófica. Sobre esse foco podemos entender a crítica à Modernidade (contemporânea) como promotora da *crise* do ser (humano) e ciência que ora reduziu a concepção de homem as múltiplas faces, ora fragmentou tal concepção na sua integralidade, ora excluiu os elementos da tradição (metafísica, ontologia, cultura, história) que constituam a antropologia no seu nível mais alto. O método da *anamnese* que equaliza o objeto ao sujeito da antropologia tanto retoma a história em que se formou a antropologia filosófica como rearticula as diversas imagens aporéticas de homem que se firmaram no tempo, mas foram tratadas de modo opositivo. Nesse processo de reflexão crítica e reconstrução filosófica se delineia a compreensão do homem ao seu estado mais elevado, na categoria de *pessoa*. Assim, a pesquisa trata na antropologia vaziana sobre 1) a crise moderna-contemporânea da antropologia, 2) as diversas concepções do homem na contemporaneidade e 3) os pontos prévios da antropologia vaziana e a categoria de *pessoa*. Após a apresentação de algumas aporias acerca do homem nas “ciências do homem” e Lima Vaz retoma ao fundamento de relação, estruturação e constituição do homem presente na tradição ocidental. Nesse processo a categoria de *pessoa* demonstra ser a síntese integral da antropologia filosófica entre o transcendente e o imanente, o dado e a forma, a finitude e a imortalidade, o sujeito e o objeto do ser. Portanto, uma antropologia filosófica cuja fonte e riqueza deriva do transcendental, absoluto.

Palavras-chave: Modernidade. Contemporaneidade. Antropologia. Pessoa. Transcendental.

¹ Graduado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) em Belo Horizonte (MG). Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pesquisador na área de Ecoteologia, com ênfase na dimensão Ética ou Moral ecológica. Membro do Grupo de Estudos de Filosofia em Lima Vaz. E-mail: isaiasredentorista@hotmail.com.

ABSTRACT

The question of man for Lima Vaz is fundamental in philosophical anthropology. Through this lens we can understand the criticism of Modernity (contemporary) as a promoter of the crisis of being (human) and of science that in one moment reduced the conception of man to multiple faces; in another moment fragmented that conception in its completeness; in another moment excluded the elements of tradition (metaphysics, ontology, culture, history) that constitute anthropology at its highest level. The anamnesis method that equates the object to the subject of anthropology both takes up the history in which philosophical anthropology was formed and the various aporetic images of man that were established in time but were treated as oppositive. In the process of critical reflection and philosophical reconstruction, the understanding of man raised to his highest state is outlined in the category of person. Thus, the research looks at Vazian anthropology as 1) the modern-contemporary crisis of anthropology, 2) the various conceptions of man in contemporaneity and 3) previous points of Vazian anthropology and the category of person. After the presentation of some aporias about man in the “sciences of man”, Lima Vaz returns to the foundation of relationship, structuring and constitution of man present in western tradition. In this process, the category of person shows itself to be the integral synthesis of philosophical anthropology between transcendent and immanent, data and form, finitude and immortality, subject and object of being. Thus, a philosophical anthropology whose source and richness derive from the transcendental, the absolute.

Keywords: Modernity. Contemporaneity. Anthropology. Person. Transcendental.

Introdução

A Modernidade filosófica, apresentada por Lima Vaz, é marcada no seu estado derradeiro de “atualidades” como o tempo de uma racionalidade instrumental e de representação simbólica da realidade. Nesta a figura do homem é progressivamente, desde Descartes, desconstruída de sua base tradicional (metafísica, ontológica, cultural) e fragmentadas pelas ciências humanas.

Assim intervimos o *nilismo moderno* não somente como oposição ou negação da ética clássica, mas drasticamente como negação antropológica da tradição, e, conseqüentemente, como crise do ser, do humano. Como afirma Lima Vaz “a situação da Antropologia Filosófica em face dos novos saberes sobre o homem assume inicialmente as características de uma *crise*” (LIMA VAZ, 2006, p. 4) de vertente histórica (com as diversas e entrelaçadas imagens do homem na cultura ocidental) e metodológica (com a fragmentação antropológica nas múltiplas ciências do homem).

Tal *crise* só pode ser superada com a revisitação das concepções do homem ao longo da história ocidental, desde sua originalidade metafísica. Todavia, é observando características relevantes e *aporias* sobre o homem ao longo da tradição, mas sobretudo na modernidade e contemporaneidade, que podemos reformular uma antropologia que assuma o estatuto de saber integral sobre o homem.

Assim, é que tanto apresentamos o problema antropológico subjetivo da modernidade como expomos as diversas concepções de homem na contemporaneidade. Essa prévia nos abre espaço para melhor reformular e compreender o pensamento e antropologia vaziana. Pois é diante das aporias modernas e contemporâneas do ser humano que se faz necessário retornar ao fundamento da antropologia, no momento de sua gestação (metafísica-ontológica) e no ponto fonte e rico, de processual elevação conceitual da antropologia filosófica.

Deste modo Lima Vaz propõe a rememoração dos passos dados pela tradição (ideias do homem), porém rearticulando cada questão (crítica) de tal modo que seja possível elaborar de modo sistemático (explicação filosófica) uma antropologia integral (transcendental-filosófica). O método rememorativo-dialético constitui o processo pelo qual Lima Vaz fundamenta, integra, organiza, e desenvolve a antropologia filosófica, ele passa pela pré-compreensão, pela compreensão explicativa e pela sistematização. Nessa lógica segue a categoria mais elevada da antropologia vaziana: a categoria de *pessoa*.

Esta não somente se constitui como síntese integral da antropologia filosófica como também possui o referencial enriquecedor da antropologia filosófica: a teologia, o transcendente. Em suma, percorremos nos três capítulos que se seguirão as razões pelas quais Lima Vaz critica a Modernidade subjetiva ao mesmo tempo que fundamenta e desenvolve uma antropologia filosófica de base transcendental.

1 A crise moderna-contemporânea da antropologia

O que é o homem sempre foi uma questão basilar tanto na história da filosofia assim como nos diversos períodos da história, tradição e cultura ocidental. Porém, desde a revolução cartesiana vemos emergir no mundo “uma nova idéia de *razão* que transforma profundamente a autocompreensão do homem” (LIMA VAZ, 2006, p. 75). A reviravolta antropológica, não mais assentada na razão como motor transcendental,

segue com Kant características específicas de uma *antropologia pragmática* na tensão (dualidade) entre a razão pura (sensibilidade e entendimento) e a razão prática (necessidade, paixões e liberdade) equilibrada pela faculdade do julgar para o fim (teleológico e estético) da natureza.

Todavia “a Kant não foi dada a oportunidade de realizar o projeto de uma Antropologia *transcendentalis*: essa tarefa ficará reservada à filosofia pós-kantiana” (LIMA VAZ, 2006, p. 93), com as “ciências humanas” (LIMA VAZ, 2006, p. 81) (cartesiana, naturalistas, de linguagem) e na emergência da razão instrumental-técnica (LIMA VAZ, 2006, p. 11). Tais mudanças evidenciou uma crise que imperou no universo simbólico e representativo da realidade.

Deste modo, tal crise *niilista* (moderna) ganhou até hoje seus os contornos característicos como “uma crise de negação do *ser*” (LIMA VAZ, 2002, p. 96), de “conflito dramático não apenas nas consciências individuais, mas igualmente na consciência social” (LIMA VAZ, 1995, p. 55), de crise do humano, portanto: uma crise metafísica, ética e fundamentalmente antropológica. Por razões delimitadoras nos deteremos na dimensão antropológica, que se refere aos dois volumes da obra de Lima Vaz: a *Antropologia filosófica*.

Ora, a crise antropológica se dá em duas vertentes: a vertente histórica e a metodológica: “a *histórica*, formada pelo entrelaçar-se, no tempo, das diversas imagens do homem que dominaram sucessivamente a cultura ocidental, (...); a *metodológica*, provocada pela fragmentação do objeto da Antropologia filosófica, nas múltiplas ciências do homem” (LIMA VAZ, 2006, p. 4).

Entre as tendências de responder ao problema sobre o homem, duas correntes (*naturalismo* e do *culturalismo*) distendem a questão sobre o polo da natureza e o polo da cultura, assim, não abrangendo ao todo, e integral da antropologia filosófica. Partindo da crise *niilista* que, nessa pesquisa, se constitui predominantemente como crise antropológica, é que situamos a reflexão de Lima Vaz. Para melhor explicitar algumas dessas aporias e contribuições filosóficas sobre a figura do homem, figura estas desenvolvidas pelas ciências humanas, Lima Vaz dedicará a última parte histórica da Antropologia filosófica. Nesta parte nos deteremos sobre as diversas concepções do homem na contemporaneidade.

2 As diversas concepções do homem na contemporaneidade

As filosofias que se desenvolveram entre o século XIX e XX pós-kantiano são denominadas de “filosofias contemporâneas”. “Mas essa contemporaneidade está, por outro lado, erichada de problemas ou de questões sobre o próprio estatuto da Filosofia ou mesmo sobre sua razão de ser. O refrão sobre o ‘fim da Filosofia’ é repetido a intervalos regulares durante esse tempo” (LIMA VAZ, 2006, p. 97).

Vaz destaca algumas correntes e pensadores que tanto desenvolveram concepções filosóficas significativas acerca do homem, como apresentam uma antropologia com algumas aporias. A primeira concepção se encontra no idealismo alemão, onde “a concepção do homem se elabora na confluência de várias correntes” (LIMA VAZ, 2006, p. 98), com particular importância na corrente do *Romantismo*. Este se caracterizou “por sua rejeição do Classicismo, do qual a Ilustração se mostra como uma exacerbação racionalista” (LIMA VAZ, 2006, p. 99). Os traços fundamentais da concepção de homem no *Romantismo* estão em dois pensadores, a saber: Jean-Jacques Rousseau e Johann Gottfried von Herder.

Em Rousseau o homem continua o centro da problemática, a sua antropologia é existencial, marcada pela experiência humana, todavia no centro do homem está “o *sentido*, cuja sede é o *coração* ou a *consciência moral*” (LIMA VAZ, 2006, p. 101) e a busca pelo *estado natural* que fora corrompido pela sociedade. Assim acontece a tensão entre homem e sociedade. O ponto central da aporia antropológica está na oposição com certos elementos antropológicos da tradição:

A antropologia de Rousseau é movida, assim, por uma motivação profunda que a impele numa direção aposta à antropologia clássica de tipo platônico e à antropologia cristão-medieval. Ele prolonga uma linha de pensamento que tem origem em Hobbes e irá levar a Nietzsche: rejeição de toda transcendência, seja ideonômica como no platonismo, seja teonômica como no Cristianismo, imanência absoluta da Natureza como fonte de todo bem e de todo valor e, enfim, crítica da cultura existente e de sua moral, fonte do mal e da corrupção no homem. (LIMA VAZ, 2006, p. 102).

Por sua vez Herder está no clima do pré-romantismo alemão *Sturm und Drang* e vinculado ao movimento filosófico alemão (*Naturphilosophie*). A influência de Rousseau é muito presente no seu discurso, todavia Herder considera, que antropológicamente o *sentimento* deveria não só acompanhar, mas guiar a razão (MAYOS SOLSONA,

2004, p. 33-34). A antropologia desenvolvida por Herder é marcada pela metafísica e pela linguagem, mas se distanciando da tradição racionalista:

Para Herder, a definição mais adequada do homem é a de *ser de linguagem*. A linguagem é uma criação do homem e atesta sua condição de ser racional ou é a própria forma humana da racionalidade e não um dom divino, como pretendia o mestre de Herder, (...). Assim o homem é o único animal capaz de fazer de si mesmo ou do seu Eu seu próprio objeto, distinguindo-o do mundo. (...) A antropologia de herdariana aparece assim, no mundo cultural da *Aufklärung* alemã, como uma alternativa à concepção do homem da tradição racionalista (...). (LIMA VAZ, 2006, p. 102-103).

Ora, o auge da ideia de homem, de expressiva concepção conceitual, está na filosofia de Hegel de grande contribuição para o pensamento vaziano. A antropologia hegeliana se desenvolve pelo processo gradual de *dialética* de integração em que a construção do homem se faz pelo *confronto* com as diversas realidades. Hegel segue um *sistema*, neste a concepção de homem está dialeticamente articulada pelos momentos de natureza, do espírito subjetivo, do espírito objetivo e do espírito Absoluto (LIMA VAZ, 2006, p. 105).

Nessa articulação dialética, entrelaçam-se as influências do racionalismo e do romantismo de um lado, da herança clássica e da herança cristã de outro. Desse modo, a concepção hegeliana do homem integra os traços fundamentais que definam o homem clássico, o homem cristão e o homem moderno (...). (LIMA VAZ, 2006, p. 105).

Nos diversos níveis da realidade o homem se relaciona com o mundo natural, com a cultura, com a história e com o Absoluto. O desenvolvimento da concepção antropológica passa por três fases da vida de Hegel: uma *pré-sistêmica*, uma de *preparação para o Sistema* e a última fase, a saber, a do *Espírito*. Porém nessas três fases o fio condutor para uma antropologia expressiva é o conceito de *Espírito (Geist)* que perpassa o projeto de uma *Filosofia do Espírito*:

Em seu movimento total, a Filosofia do Espírito subjetivo pode ser vista como o processo de “tornar-se aquilo que és”, que retoma uma das intuições fundamentais da antropologia grega clássica. Convém notar, no entanto, que a complexidade desse processo e seu ritmo triádico, desdobrando-se em *Antropologia, Fenomenologia e Psicologia*, deram origem a vivas discussões entre os discípulos de Hegel. É importante notar, por outro lado, que a Filosofia do Espírito subjetivo não é se não o primeiro momento da Filosofia do Espírito. Na verdade, a concepção hegeliana do homem insere-se num contexto (...) que compreende as esferas do Espírito objetivo e do Espírito Absoluto. (LIMA VAZ, 2006, p. 114).

Passando pela antropologia de Feuerbach que é rigorosamente materialista – projeção do homem natural, do ser sensível – contrária ao racionalismo kantiano e ao Espírito de Hegel, Lima Vaz descreve a antropologia do materialismo histórico de Karl Marx como uma antropologia das necessidades, da satisfação, da alienação espiritual e social, e da emancipação do sujeito social pelo fim da luta e divisão de classes: o comunismo.

Por fim, Vaz considera que a filosofia ocidental apresenta uma variante ora opositiva sobre a ideia de homem, apesar de haver uma superposição do homem como ser universal ou centralidade principal “em sua relação com a Natureza, a sua utilização mostra-se cada vez mais problemática em face do enorme crescimento e diversificação das ciências naturais e do próprio homem” (LIMA VAZ, 2006, p. 136). Assim, a contemporaneidade acaba por conceber o homem como um “ser pluriversal”:

A filosofia contemporânea inclina-se, assim, a conceber o homem como um *ser pluriversal*, no sentido de que, na representação de sua situação em face da realidade, opera-se uma inversão na direção dos vetores que circunscreve o lugar ontológico do sujeito (...) (LIMA VAZ, 2006, p. 137).

3 Pontos prévios da antropologia vaziana e a categoria de *pessoa*

Considerando a tendência de absolutização dos dois polos epistêmicos de abordagem do homem (natureza X cultura), a inversão na direção dos vetores (espaços regionais do ser) que circunscreve o lugar ontológico do sujeito, o reducionismo (psicologismo, sociologismo...) em que a concepção de homem ficou fada pelas ciências do homem e as aporia de tal concepção antropológica que se deu ao longo da histórica e tradição filosófica ocidental, Lima Vaz propõe a *rememoração* de tais passos dados pela tradição porém rearticulando cada questão de tal modo que seja possível elaborar de modo sistemático uma antropologia integral.

Cabe ressaltar que não vamos delinear todo o percurso feito pelo filósofo, mas apenas apresentar alguns *pressupostos básicos de compreensão* a fim de que possamos situar e desenvolver melhor o elemento mais relevante da pesquisa: a categoria de *pessoa* como elemento fundamental da antropologia vaziana. Como passo prévio Lima Vaz aponta três tarefas as quais é possível ser cumprido o estatuto epistêmico de uma antropologia propriamente filosófica:

- a elaboração de uma *ideia do homem* que leve em conta, de um lado, os problemas e temas presentes ao longo da tradição filosófica e, de outro, as constituições e perspectivas abertas pelas recentes ciências do homem;
- uma justificação *crítica* dessa ideia, de modo que possa expressar-se como fundamento da unidade dos múltiplos aspectos do fenômeno humano implicados na variedade das experiências com que o homem se exprime a si mesmo, e investigados pelas ciências do homem;
- uma *sistematização* filosófica dessa ideia do homem tendo em vista a constituição de uma ontologia do ser humano capaz de responder ao problema clássico da *essência*: “O que é o homem?” (LIMA VAZ, 2006, p. 5).

Tais tarefas propõe revisitar a tradição filosófica e cultural ocidental para abstrair as ideias e aporias que se acentuam em cada concepção de homem, tal percurso nos conduz ao suporte metafísico sem o qual não é possível pensar o homem na sua integralidade. Além disso, elas propiciam a união das variadas polarizações acerca do homem, isso se dá pelo método que constitui, e pelo qual se realiza (ética) o próprio ser humano: a *dialética*. Por fim, tal percurso se faz pela ontológica como espaço intrínseco em que se situa o ser humano enquanto tal e é direcionado para sua realização.

Três são os polos epistemológicos em que se organiza, se compreende e se propicia uma visão unitária do homem: o polo das *formas simbólicas*, o polo do *sujeito* e o polo da *natureza*. Eles quando são elaborados de forma relacional, cooperativa, não como referenciais estanques em si, tanto superam o reducionismo, a fragmentação, e limitação categórica como nos direciona para uma antropologia integral:

Uma Antropologia integral deve tentar uma articulação entre três pólos que não ceda ao reducionismo e não se contente com simples justaposição, mas proceda dialeticamente, integrando os três pólos da *natureza*, do *sujeito* e da *forma* na unidade das categorias fundamentais do discurso filosófico sobre o homem (...). (LIMA VAZ, 2006, p. 8).

O método rememorativo-dialético constitui o processo pelo qual Lima Vaz fundamenta (metafísica), integra (ontologia), organiza (dialética) e desenvolve a antropologia filosófica. Previamente, para o estatuto de uma saber antropológico, é preciso distinguir três níveis de conhecimento do homem, tal organização se reporta ao caminho percorrido por Lima Vaz de categorização e sistematização conceitual:

a) plano da pré-compreensão: essa tem lugar num determinado contexto histórico-cultural, no qual é predominante uma certa *imagem do homem*, que

modela uma forma de *experiência natural* que o homem faz de si mesmo e que exprime intelectualmente em representações, símbolos, crenças etc;

b) plano da compreensão explicativa: é o plano no qual se situam as *ciências do homem*, que pretendem compreendê-lo por meio da explicação científica, obedecendo a cânones metodológicos próprios de cada ciência;

c) plano da compreensão filosófica (ou transcendental): o termo “transcendental” é usado aqui em dois sentidos. O primeiro é o sentido *clássico*, ou seja, o sentido que pervade todos os aspectos do objeto ou, em outras palavras, considera o objeto *enquanto ser*. Portanto, tal sentido transcende os limites metodológicos postos pela explicação científica, o que exclui que a compreensão filosófica seja apenas a síntese dos resultados (...). O segundo do sentido *kantiano moderno*, ou seja, aquele que exprime a compreensão filosófica como *condição de possibilidade* (e, portanto, de inteligibilidade) das outras formas de compreensão do homem: a pré-compreensão e a compreensão explicativa. A compreensão filosófica tematiza, em suma, a *experiência* original que o homem faz de si mesmo com ser capaz de dar razão (*lógon didonai*) do seu próprio ser, ou seja, capaz de formular uma resposta à pergunta: “O que é o homem?” A expressão intelectual dessa compreensão é vazada em conceitos propriamente filosóficos ou categorias. (...) (LIMA VAZ, 2006, p. 143-144).

Por esse percurso metodológico que o filósofo irá apresentar um conceito que possa abarcar as diversas e antagônicas imagens do homem que se desenvolveram na história, nas ciências humanas até alcançar a dimensão propriamente filosófica, metafísica e integral do homem. Assim, a “tarefa que se propõe a Antropologia filosófica é identificar essas categorias, definir seu conteúdo, e articulá-las de modo a que se constitua com elas um discurso sistemático.” (LIMA VAZ, 2006, p. 144).

As três dimensões da experiência filosófica fundamental – Natureza, Sujeito e Eu – deve conduzir o homem para a experiência da transcendência ou filosófica. Essa experiência “é interpenetração de presenças: a presença do homem é uma presença no mundo (ser-no-mundo), um ser-com -os-outros e uma presença a si mesmo” (LIMA VAZ, 2006, p. 145). O itinerário da antropologia vaziana retoma os momentos clássicos da análise aristotélica, a saber, o objeto (homem enquanto objeto), o conceito (que exprime o objeto com ser) e o discurso (movimento lógico de constituição do sujeito enquanto sujeito) atingindo, portanto, o nível formal e categorial do discurso acerca do homem (LIMA VAZ, 2006, p. 147).

A conceitualização filosófica – que constrói, fundamenta, integra e articula as categorias no discurso – se dá pela dialética que se rege por três princípios: o princípio da *limitação eidética* (não intuitivo), da *ilimitação tética* (que aponta para a ilimitação ou infinidade do ser) e o princípio da *totalização* (da igualdade inteligível entre o objeto e o ser). Por essas linhas metodológicas que a Antropologia filosófica define o espaço

conceitual em que se inscreve o *ser-homem*. As coordenadas – estrutura, relação e unidade – de tais espaços tem como categoria antropológica determinante a *pessoa*:

Como unidade, o homem é *pessoa*. A *pessoa* aparece, assim, como ato total, que opera a síntese entre as categorias de estrutura, e as categorias de relação por meio de seu desenvolvimento existencial, ou seja, de sua auto-realização. A ideia de um humanismo personalista é, portanto, a palavra final da Antropologia filosófica. (LIMA VAZ, 2006, p. 154).

Dessa prévia metodológica, vamos agora expor sobre a categoria de *pessoa* na antropologia vaziana. Esta categoria possui uma riqueza conceitual, pois ela está no vértice e centro da antropologia. Porém, para tratá-la, Lima Vaz segue o parâmetro metodológico de rememoração, compreensão e definição conceitual do termo – na história e cultura ocidental – passando por alguns filósofos e correntes filosóficas em que a categoria de *pessoa* se deu como temática central de reflexão ou foi prefigurada na antropologia clássica.

Vaz segue seu método, apresentando uma prévia introdução temática, a pré-compreensão da categoria de *pessoa*, a compreensão *explicativa* até chegar na compreensão propriamente *filosófica*. Esse processo de síntese e elevação conceitual é concluído com a compreensão da pessoa humana entre o tempo e a eternidade. Seguindo o itinerário metodológico e sistemático do autor vamos apresentar os pontos mais relevantes sobre a categoria de *pessoa*.

a) *Introdução*

Iniciando pela tradição metafísica do conceito de *pessoa*, Lima Vaz sustenta que tal conceito tem sua raiz mais profunda no terreno teológico, no encontro entre o *logos* bíblico e o *logos* grego. O discurso antropológico se dá, como chave de interpretação, pela seriação e regiões das categorias (na *suprassunção* dialética) assim como pela constituição dos níveis conceituais do ser (na tensão opositiva entre *essência* e *existência*), numa unidade final. “A categoria de *pessoa* é a expressão dessa unidade final. Ela pode ser designada igualmente categoria da *essência* como expressão ontológica plena do homem que se significa a si mesmo, e cumpre efetivamente o desígnio do seu *ser* no seu *existir*” (LIMA VAZ, 1992, p. 190-191).

O discurso antropológico, desde a categoria de *pessoa*, desvenda a ordem de inteligibilidade *em si*: é como *pessoa* que o homem exprime a inteligibilidade radical do seu ser, na passagem do dado à forma. No processo dialético, da categoria *corpo próprio* à categoria de *pessoa*, o homem é o *sujeito*. No dinamismo do *Eu sou* primordial, impelido pela *ilimitação tética* ao horizonte infinito do *Ser*, está presente toda a riqueza que convergiu na categoria de *pessoa* (LIMA VAZ, 1992, p. 191).

A categoria mostra-se, desta sorte, como a síntese dos momentos *eidéticos* percorridos pelo movimento dialético e, igualmente, como alvo apontado pelos movimentos da *ilimitação tética* que fizera avançar o movimento. Por conseguinte, ela é a expressão acabada do *Eu sou*, de sorte a podermos estabelecer, como resposta à interrogação inicial “que é o homem?”, (...) *A pessoa é, portanto, a expressão adequada, a forma formarum* com a qual o sujeito ou o *Eu* se exprime ou se *diz* a si mesmo. (LIMA VAZ, 1992, p. 191-192).

O ponto mais elevado da antropologia vaziana está na categoria de *pessoa* como *princípio* e como *fim* do discurso dialético, mediado pelo *Eu sou*. Se tal categoria percorre e enriquece toda a extensão da antropologia filosófica, ela é o ponto nodal do discurso em que se entrelaça “a inteligibilidade *em-si* e a inteligibilidade *para-nós*, nela cumpre-se finalmente o princípio de *totalização*, com adequação inteligível entre o *sujeito* e o *ser*” (LIMA VAZ, 1992, p. 192), sem excesso ontológico, porém, com infinita densidade. Assim:

(...) a designação de *pessoa* convém do modo mais excelente ao Absoluto – a Deus – e é em virtude dessa referência analógica na *própria ordem de perfeição do ser* que a *pessoa finita*, seja no âmago mais íntimo da sua *essência*, seja no invariante ordenador da sua linha de *existência*, deve ser dita *ser-para-a-transcendência*. Dessa sorte, a *pessoa* pode ser apresentada como “síntese metafísica” e *pessoa* concreta como “resumo de toda ordem metafísica”. (LIMA VAZ, 1992, p. 193-194).

Ao resgatar a ontologia e metafísica da tradição na categoria tendo como base fundamental na *pessoa*, Lima Vaz critica a civilidade moderna e, pode-se dizer, contemporânea, por fragmentar, polarizar e promover o *niilismo* metafísico, espiritual, transcendental e ético da categoria de *pessoa* na antropologia filosófica: “o conceito de *pessoa* se apresenta hoje no cenário filosófico, (...) considerado o estágio final da dissolução da ‘unidade de oposição’ (...), ‘desconstruído’ filosoficamente no clima espiritual do *niilismo*” (LIMA VAZ, 1992, p. 194).

Retomando aos pensadores modernos e contemporâneos, Lima Vaz apresenta as aporias sobre a concepção de *pessoa* e limitações antropológicas. O *paradoxo* que acompanha o destino da pessoa no mundo moderno, dividida entre a exaltação de seu valor civilizatório e a querela em torno do conceito filosófico, reveste-se de uma situação dramática quando Kant colocou a pessoa no centro do universo moral e deixou como desafio a constituição de uma filosofia plenamente satisfatória da *pessoa*.

Na evolução do pensamento *pós-kantiano* verificamos que as linhas kantiana da *pessoa* se obscurece e confunde e que tal época não permite um consenso teórico. Para retomar aos fundamentos originários que constituíram e deram pleno sentido à categoria de *pessoa* na história, Lima Vaz fala do *paradigma dialético* e do *fenomenológico*. Assim está lança as bases para prosseguir no método vaziano com a pré-compreensão da categoria de *pessoa*.

b) *Pré-compreensão da categoria de pessoa*

A descoberta da pessoa ou conceito como expressão da inteligibilidade do ser-homem teve lugar ao longo de um caminho de reflexão, isto é, ao longo de toda história do pensamento ocidental. A essa “formação conceitual” correspondem às “formas típicas de experiência do existir pessoal” (LIMA VAZ, 1992, p. 200). Elas virão a constituir as dimensões da *experiência* que denominamos de pré-compreensão da pessoa e que assinala uma característica do mundo da cultura da nossa civilização.

A experiência do existir pessoal foi precedida pela emergência do indivíduo desde dois abrigos simbólicos da pre-história: a Natureza e a Sociedade. Ai, na cena da história aparece o indivíduo. Um passo que levaria ao pleno protagonismo do indivíduo tem lugar quando o aparecimento das grandes civilizações do “tempo-eixo” tornou possível o emergir de indivíduos excepcionais que, ao tornar explícita a relação de transcendência, se anunciam como interlocutores privilegiados da transcendência, assim, marcando um novo tempo histórico. Em ordem de delinear a figura da pré-compreensão de pessoa no estado presente, devemos voltar nossa atenção para duas formas de experiência: da transcendência em Israel e do surgimento da Filosofia grega:

A primeira forma (...) caracterizada pelo “existir na presença de Deus” como resposta à sua Palavra de revelação e à vocação que por ela é dirigida ao homem. (...) o *indivíduo* é alcançado à situação paradigmática de *profeta*, e será essa “diferenciação profética da consciência”, que (...) traçará o primeiro perfil da pessoa na tradição ocidental. (...) A segunda forma de experiência da *transcendência*, (...) na civilização grega. Aqui o evento espiritual determinante é o aparecimento da *filosofia* (...) que abre o *indivíduo* num caminho de saída para fora do abrigo dos mitos cosmogônicos ou teogônicos: (...) que vai dos antigos sábios (*sophoi*) ao filósofo (*philósophos*). (LIMA VAZ, 1992, p. 201-202).

A figura expressiva de tais formas está no “Fato Cristo”: “Evento absolutamente único e imprevisível e que podemos considerar a verdadeira gênese, história e teórica, do conceito ocidental de *pessoa*” (LIMA VAZ, 1992, p. 204). A experiência é integradora, sintética, interioridade e exterioridade num processo dialético do nosso ser-no-mundo e da finitude do nosso ser espiritual aberto ao horizonte infinito do Ser. “Ela é, assim, experiência de presença às coisas (Mundo), ao outro (História) e ao Transcendente (Absoluto)” (LIMA VAZ, 1992, p. 208). A figura geométrica de comparação expressiva e conceitual da *experiência* da *pessoa* é a de um triângulo isósceles:

(...) em cujo vértice superior inscrevemos o transcendental Uno, e nos vértices inferiores os transcendentais Verdadeiro e Bom; o triângulo quer representar o Absoluto do ser na identidade *real* e na diferença *formal*(...). Essa experiência é, no sentido mais rigoroso, experiência *transcendental* e, como tal, experiência da *pessoa*. (LIMA VAZ, 1992, p. 212).

c) *Compreensão explicativa da pessoa*

Dado o passo para pré-compreensão da categoria de *pessoa*, Lima Vaz desenvolve a compreensão explicativa desta. Uma ciência da pessoa é algo inalcançável, pois não é possível reduzir o centro dinâmico ordenador do *eu sou* à coisa observável como objeto de experimentação. De modo semelhante a experiência transcendental se demonstra ser inacessível aos procedimentos metodológicos científicos e repetitivos, uma vez que cada sujeito é singular e único.

Todavia, o “homem, no entanto, não renuncia a observar a si mesmo e a observar seus semelhantes *ab extrínseco* e a aplicar aos resultados dessas observações os instrumentos linguísticos e lógicos que permitam identificar cada um (...) por seu *nome*, bem como na classificação que faz do homem o *indivíduo* de uma

espécie” (LIMA VAZ, 1992, p. 213). “O homem assim observado na vida de cada dia e submetido aos procedimentos classificatórios e analíticos da ciência é o *indivíduo*, que pode ser considerado um sinal manifestativo que anuncia a presença da *pessoa*” (LIMA VAZ, 1992, p. 214).

Assim a ciência do sujeito ou ciência do indivíduo-homem está presente na tradição filosófica desde Aristóteles, todavia, na idade média tardia tal ciência permanece subordinada à filosofia do homem-espécie. Será no campo *analógico* que a filosofia da *pessoa* se orientará para seu arquétipo teológico. E será nas ciências humanas que se formará o conceito de *personalidade* englobante das manifestações do homem. Portanto, indivíduo, personalidade e pessoa farão parte sintética da compreensão explicativa conceitual na antropologia filosófica vaziana:

Como quer que seja, a *pessoa* é sempre referida à interioridade espiritual, o *indivíduo* à exterioridade corporal. Mas, distinção não é separação. Os fatores dessa distinção insistem em que a *pessoa* é *indivíduo* considerado na sua unidade mais profunda, e o *indivíduo* é a *pessoa* na sua participação à multiplicidade e temporalidade matéria. (LIMA VAZ, 1992, p. 215).

d) *Compreensão filosófica da pessoa*

A compreensão filosófica se dá no nível conceitual, portanto, na categoria de *pessoa*, a qual o discurso dialético se efetiva como ontológico na estrutura e movimento do ser. Mas a compreensão filosófica da *pessoa* como resultado dialético, transcategoriais e estruturais do conceito (todo) inteligível não pode ter um *novo conteúdo* no movimento discurso como síntese ou unidade de oposição.

Assim, “a categoria de *pessoa*, (...) pode ser designada, no sentido literal do termo, um *método* (caminho), no sentido de que ela traça um roteiro de unidade que recupera, ao termo do discurso, a direção primeira e a linha ordenadora da sucessão dos seus momentos” (LIMA VAZ, 1992, p. 216). “Do *corpo próprio* ao movimento de *autor-realização*, passando pelo *psiquismo*, pelo *espírito*, pelas relações de *objetividade*, de *intersubjetividade* e de *transcendência*, é a marca do *pessoal* que dá a cada uma dessas expressões do *sujeito* uma significação” (LIMA VAZ, 1992, p. 216).

Da categoria metodológica de *pessoa* como caminho de totalização ou realização humana, de adequação entre *sujeito* e *ser*, Lima Vaz fala da concepção do

homem como *expressividade*. Esta acontece pelo processo dialético do movimento na relação entre o *ser* e a *forma*:

(...) de passagem da forma 'natural' que é *dada* – e, nesse sentido é a *natureza* (N) do homem – à forma propriamente *humana* (F) e que é originalmente a forma "natural" por ele recriada como *expressão* do seu ser. Neste sentido, o homem é o artífice ou artista de si mesmo e sua primeira obra (...) é a sua própria *existência* como homem. (LIMA VAZ, 1992, p. 216).

Ora, se a expressão do ser humano se dá pela passagem do *dado* à *forma*, e se o movimento dialético se realiza na passagem da totalidade natural imediata à totalidade humana, tais passagens não se fazem sem a categoria de *pessoa*. Nessa "se mostra, assim, a forma última e totalizante da expressão do Eu" (LIMA VAZ, 1992, p. 218).

Explicitado a explicação filosófica do homem como *pessoa*, mediatizada pelo sujeito consigo mesmo, como termo e princípio de inteligibilidade, como método e autoexpressão e constituição, Lima Vaz apresenta sobre a aporética histórica da noção de *pessoa* no pensamento antigo clássico e no pensamento cristão medieval:

Se a grande aporia do pensamento antigo foi a impossibilidade de pensar a comunicação da inteligibilidade universal da essência à singularidade da existência, o pensamento cristão-medieval viu-se aqui diante da aporia inversa, qual seja a de preservar a inteligibilidade da existência singular – da *pessoa* – na sua relação de criaturalidade e como objeto de eleição salvífica por parte de Deus, (...) (LIMA VAZ, 1992, p. 220).

No primeiro caso, se a primazia da essência implicava o abandono da existência empírica ao destino ou ao acaso, no segundo caso vemos a primazia da existência que retirava do homem a *autarquia*, o livre domínio de si, portanto, condicionado pela vontade criadora e salvífica de Deus.

A aporia da categoria de *pessoa* na subjetividade do pensamento moderno está expresso na corrente kantiana em que havia a distinção entre o homem 'ser da natureza', o homem 'ser racional' e a oposição aparentemente irreconciliável entre o empírico e o racional, o natural e o transcendental. O ponto central dessa aporia está na atribuição ao *sujeito* como autocausalidade, com relação ao seu existir inteligível ou na imanentização do seu princípio essencial. Daí, suprimindo qualquer comunidade

analógica com o Absoluto transcendente. Isso implica o peso da pessoa humana ser ontologicamente criadora de si mesma e do seu mundo.

Na pós-modernidade vemos a fragmentação dos discursos unitários e demonstrativos sobre o ser humano. “A pós-modernidade proclama, pois, a dissolução, por obra das ciências humanas, do objeto-homem, tendo sido entendido como um dos seus sinais precursores o anúncio da ‘morte do homem’” (LIMA VAZ, 1992, p. 222). Assim o homem universal assim como o homem pluriversal se dissipam: “o que resta da ideia do homem são fragmentos de discurso ou microunidades narrativas” (LIMA VAZ, 1992, p. 222).

Por conseguinte, Vaz apresenta a aporética crítica da categoria de *pessoa*. Numa reflexão crítica ele busca unir na unidade do conceito os dois momentos antropológicos de tensão: o *eidético* e o *tético*. Entre os dois momentos está presente a aporia da categoria de *pessoa*. No primeiro caso tal aporia resulta da oposição entre o categorial e o transcendental presente no *eidos* da *pessoa*, e no dever da adequação entre o sujeito e o ser. É no momento de transgressão do *logos* categorial, pelo necessário movimento da analogia, que se dá a dialética do discurso para a afirmação do sujeito como espírito ou como abertura para a transcendência.

Esse processo da razão unívoca para razão analógica é onde se situa o segundo momento, o *tético*: trata-se de uma *totalização* ontológica do objeto e da identificação do sujeito com o ser por analogia. Na categoria de *pessoa* a totalização trata-se da superação dos limites eidéticos, no momento em que o homem se põe como ser ou como ser-para-o-Absoluto, ou ser absolutamente universal. “Aqui no momento *tético* não indica um *além*, porque a *pessoa* é o universal finalmente alcançado ou tornado *energeia* no sujeito que se auto-afirma como absolutamente singular” (LIMA VAZ, 1992, p. 225).

Finalmente, o paradoxo e a verdade profunda do homem manifestam-se na *totalização* operada pela categoria da *pessoa* como termo do discurso antropológico. Aqui, o homem mostra-se verdadeiramente como *unitas oppositorum*. Por um lado, essa unidade é mais perfeita que possamos conceber: (...). Por outro lado, ela reúne em si os extremos opostos alcançados pelo grande arco da nossa experiência e que coincidem com as fronteiras últimas do ser: a matéria e o Absoluto. (LIMA VAZ, 1992, p. 226-227).

e) *Conclusão: pessoa humana entre o tempo e a eternidade*

No momento derradeiro da antropologia vaziana, sob o olhar da categoria de *pessoa*, Lima Vaz retorna ao psiquismo para apresentar a problemática última que passou despercebida seja pelas categorias da antropologia filosófica, seja pela reflexão filosófica da *pessoa*: o tema da morte. Porque a mortalidade insinua-se em todas as obras do nosso *ser-no-mundo* e envolve na sua sombra todas as formas de expressão do nosso existir como homem” (LIMA VAZ, 1992, p. 228).

Como protesto ao problema da morte a tradição antiga desde as mais remotas experiências humana falam ontologicamente de “um poderoso anelo de imortalidade que habita o homem” (LIMA VAZ, 1992, p. 229). É dessa compreensão, na lucidez do ser que sabe-se mortal, que também emerge a resposta de um *ser-para-a-imortalidade* na tentativa de libertação da tragédia da finitude e contingência humana, da morte. Assim a categoria de *pessoa* se situa nesse ponto de convergência, na sua dimensão metafísica (ser) dilacerado entre a morte e a imortalidade.

É pela categoria de *espírito* que estar o terreno próprio dessa luta entre duas razões (da vida e da morte). Desde a tradição platônica que a imortalidade (*psyché*) se torna tema consagrado de reflexão, ora apresentando o problema da união da alma e do corpo, ora o problema da sobrevivência da alma sem o corpo. Esses dois problemas se seguirão na tradição cristã-medieval. Todavia, a história da ontologia da alma recebida pela teologia cristã sofre um choque transformador com a ressurreição:

Não se trata da sobrevivência de uma parte do homem – a *psyché* ou o *nous* – que não é atingida pela morte em virtude de sua identidade de natureza (*syggenés*) com a realidade divina (*theion*), por essência imortal. Trata-se de uma *nova vida* que transforma o *homem todo* e a cujo advento a aparente vitória da morte é absolvida na vitória definitiva da vida. Mas essa vitória não é uma certeza alcançada pela razão filosófica. É conhecida e proclamada como um dom que procede de Cristo ressuscitado como “espírito vivificante”. (LIMA VAZ, 1992, p. 231).

É a partir do terreno da teologia cristã que a categoria de *pessoa* se constitui com uma profunda revolução semântica, baseada em conteúdos novos: a fé e teologia cristã. Daí, o problema de fundo se dá, então, no confronto do conceito privilegiado da antropologia filosófica diante do drama existente da vida humana, isto é, entre a *pessoa* e a *morte*. Esse confronto é soteriológico, pois a morte não é um fato biológico

ou incidente metafísico, mas o último inimigo a ser vencido na gesta da salvação pela ressurreição de Cristo. Assim, é do Fato Cristão que o conceito de *pessoa* assumi analogicamente a antropologia e transita da teologia para a filosofia enriquecendo esta.

Estendido analogicamente ao homem o conceito de *pessoa*, na sua unidade paradoxal de subsistência e relação, mostra-se como conceito sintético por excelência e termo adequado do movimento dialético de *auto-expressão* do homem, suprassumindo a aporia entre *essência* e *existência* (...). (LIMA VAZ, 1992, p. 233).

É daí que podemos inferir que “a filosofia não pode demonstrar o deslanche dessa tensão e não pode, portanto, pronunciar a palavra final sobre o destino da *pessoa*” (LIMA VAZ, 1992, p. 234). Ao contrário, “ela pode – e deve – mostrar na estrutura da *pessoa* a capacidade essencial de acolher o *dom* da imortalidade, inscrita na capacidade de abrir-se à universalidade do Ser e de orientar-se para a transcendência”. Assim sustentamos que, na categoria de *pessoa*, a antropologia filosófica vaziana, diante das aporias e limitações da noção de homem, assume como resposta o estatuto de ser integralmente uma antropologia metafísica, ontológica, filosófica da *pessoa*, mas cuja riqueza inspiradora está na teologia.

Considerações Finais

A crítica vaziana à modernidade e contemporaneidade se dá pelo *niilismo antropológico* pós-Descarte, porque ora limitou a concepção de homem com a absolutização de um dos polos epistemológicos, a saber, a natureza ou o polo da cultura; ora apresentou uma concepção de homem limitada, fragmentada e em radical oposição categorial; ora expos uma visão pluridimensional do ser pelas ciências humanas; ora excluiu um dos fatores primordiais e enriquecedores da metafísica e antropologia filosófica: a transcendência. Tudo isso teve como consequência a destruição do homem de tal modo que a máxima “Deus está morto” teve forte repercussão na antropologia filosófica, no sentido do ser e mundo do homem.

Pelo método da rememoração histórica, estrutural e categorial da cultura e filosofia ocidental, resgatando os fundamentos essenciais da tradição filosófica (a ontologia, a metafísica), Lima Vaz desenvolve uma antropologia filosófica original. O

método, sistema e desenvolvimento filosófico tem a influência de grandes pensadores da tradição clássica (Platão, Aristóteles), cristã-medieval (Santo Agostinho, Tomás de Aquino) e contemporânea (Hegel), situando a antropologia filosófica numa pré-compreensão, compreensão explicativa e filosófica.

É na sistematização metódica que a categoria de *pessoa* se apresenta como nível mais elevado da antropologia vaziana para a questão sobre o que é o homem. O que compreende, caracteriza e constitui o homem enquanto objeto, caminho, sujeito e totalização humana é a categoria de *pessoa*, desde sua experiência primeira, constituição e conceituação filosófica. Todavia a raiz teológica e originalidade transcendental coloca uma interrogação pertinente na tensão pessoal entre a essência e a existência, o dado e a forma, a imanência e a transcendência, a vida e a morte: se a pessoa é ser para Absoluto, então como fica o drama da finitude humana, do ser para o não-ser?

Tal resposta provem não da filosofia, mas da abertura desta para acolher a boa nova exemplar expressada no modelo ideal da categoria de *pessoa*: Jesus Cristo, na graça de Ressurreição. Neste a *pessoa* assume seu nível mais elevado assim como é filosoficamente delineado, refletido, categorizado e bem acentuado na filosofia antropológica vaziana. Pelo vínculo teológico tal antropologia assume o estatuto de ser uma antropologia transcendental filosófica da pessoa.

Referências

ANDRADE, Paulo Raphael de Oliveira. **Antropologia filosófica de Henrique Cláudio Lima Vaz como superação do reducionismo antropológico**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). São Paulo, 2016.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Antropologia filosófica I**. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Antropologia filosófica II**. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 1992.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Ética e Razão Moderna. Síntese**. Belo Horizonte, v. 22. n. 68, p. 53-85, 1995. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1132/1539>. Acesso em: 03.mai.2021.

FERREIRA, Márie dos Santos. **O conceito de pessoa humana no pensamento de Lima Vaz**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, 2009.

KONZEN, Felipe Klafke. **O conceito de pessoa em Lima Vaz**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2017.

MAYOS SOLSONA, Gonçal. **Ilustración y Romanticismo**: introducción a la polémica entre Kant e Herder. Barcelona: Editorial Herder, 2004.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de; MELO, Edvaldo Antônio de. Ética e educação em Lima Vaz. **Conjectura**, v. 23, n. especial, p. 207-222, 2018. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/6230/pdf>. Acesso em: 03.mai.2021.

Artigo recebido em: 15/05/2021.
Artigo aprovado em: 25/06/2021.